

Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes
Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação

,

Matheus Rolim Barros

**"SOU UMA DIVA POP NA POLÍTICA": DEPUTADA
ERIKA HILTON E O MOVIMENTO POP-POLÍTICO
POR MEIO DO X**

São Paulo
2024

Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes
Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação

**"SOU UMA DIVA POP NA POLÍTICA": DEPUTADA
ERIKA HILTON E O MOVIMENTO POP-POLÍTICO
POR MEIO DO X**

Matheus Rolim Barros

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do
título de Especialista Mídia, Informação e
Cultura

Orientadora: Profa. Dra Issaaf Karhawi

São Paulo
2024

AGRADECIMENTOS

In memoriam, à Diva, minha avó.

Entre outras divas da minha família, Vó Cida, minha amada; Maria José, Lourdes, Lena, Juliana, Monica, Lucia e Circe.

À Madonna, que sempre me inspira. Assistir ao seu show em Copacabana foi uma catarse.

Ao meu amigo Pedro, que compartilha as divas pop e a vida comigo, e que me apresentou ao CELACC.

À professora Issaaf, uma orientadora que consegue captar essencialidades.

"SOU UMA DIVA POP NA POLÍTICA": DEPUTADA ERIKA HILTON E O MOVIMENTO POP-POLÍTICO POR MEIO DO X¹

Matheus Rolim Barros²

Resumo: Este artigo tem como objeto de pesquisa publicações no perfil da deputada federal por São Paulo, Erika Hilton (PSOL-SP), na plataforma X/Twitter. Logo, tem por objetivo identificar e caracterizar o uso de referências e elementos da cultura pop. A pesquisa foca em dois estudos de caso representativos: 1) sua mensagem política durante o show de Ludmilla no Coachella; e 2) a mobilização de *fanbases* nacionais de artistas pop, convocada pela deputada, contra o Projeto de Lei nº 1.904/2024, que equipara o aborto ao crime de homicídio simples. Os casos apontam para uma estratégia consciente do uso dessas referências como forma de se aproximar e mobilizar grupos específicos. Discorre-se sobre a discussão teórica relacionada à cultura pop e política, a relação entre fãs-eleitores e a plataformização nas ambiências digitais.

Palavras-chave: Política. Cultura pop. Plataformas. Erika Hilton.

Abstract: This article focuses on publications from the profile of federal deputy Erika Hilton (PSOL-SP), representing São Paulo, on the X/Twitter platform. The research focuses on two representative case studies: 1) her political message during Ludmilla's performance at Coachella; and 2) the mobilization of national fanbases of pop artists, summoned by the deputy, against Bill No. 1,904/2024, which equates abortion to the crime of simple homicide. These cases point to a conscious strategy of using such references to connect with and mobilize specific groups. The article discusses the theoretical framework relating to pop culture and politics, the relationship between fans and voters, and the platformization of interactions in digital environments.

Key-words: Politics. Pop culture. Platforms. Erika Hilton.

Resumen: Este artículo tiene como objeto de investigación las publicaciones en el perfil de la diputada federal por São Paulo, Erika Hilton (PSOL-SP), en la plataforma X/Twitter. La investigación se enfoca en dos estudios de caso representativos: 1) su mensaje político durante la presentación de Ludmilla en Coachella; y 2) la movilización de fanbases nacionales de artistas pop, convocada por la diputada, en contra del Proyecto de Ley nº 1.904/2024, que equipara el aborto al delito de homicidio simple. Estos casos apuntan a una estrategia consciente del uso de estas referencias como una forma de acercarse y movilizar a grupos específicos. El artículo desarrolla una discusión teórica relacionada con la cultura pop y la política, la relación entre fanáticos y votantes, y la plataformización en los entornos digitales.

Palabras clave: Política. Cultura pop. Plataformas. Erika Hilton.

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em Mídia, Informação e Cultura.

² Pós-graduando em Mídia, Informação e Cultura pelo CELACC-USP. Pós-graduando em Gestão Pública pela UEPG. Jornalista pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo caracterizar o uso de referências e elementos da cultura pop, especialmente das divas pop, por políticos, com a intenção de se aproximar e mobilizar seguidores e eleitores nas redes sociais e plataformas digitais. Procurou-se analisar de que forma essas práticas contribuem para engajar e mobilizar grupos específicos em torno de pautas políticas e legislativas. Dessa forma, o estudo dialoga com autores que trabalham a interseção entre cultura pop e política, buscando avançar na compreensão da cultura de fãs e eleitores, bem como da aproximação e mobilização dentro dos ambientes digitais.

A partir disso, o objeto de estudo são publicações no perfil da deputada federal Erika Hilton (PSOL-SP). Para atingir os objetivos, foi realizado um estudo de caso da deputada na rede social X/Twitter³, com foco em dois episódios: 1) a fala política de Erika Hilton no festival de música *Coachella* a convite da artista Ludmilla; 2) a mobilização, a convite da deputada, de *fanbases* nacionais contra o Projeto de Lei nº 1.904/2024, que equipara o aborto ao crime de homicídio simples.

Erika Hilton é uma deputada federal brasileira. Eleita em 2022, tomou posse em 1º de fevereiro de 2023, aos 30 anos. Ex-vereadora de São Paulo, foi a mais votada do país em 2020. Devido a sua ascensão política rápida e notável, não apenas ocupa espaços de poder no campo político, ideológico e partidário, mas sua presença nesses espaços políticos de liderança se torna uma novidade ao identificar e trabalhar com diversas pautas. Seu *eu* está intrinsecamente ligado à necessidade e urgência de visibilidade de corpos dissidentes no cenário político brasileiro, algo não usual. Com sua chegada como mandatária, ocupante de um cargo público, novos olhares e estratégias no que se refere a sua *autenticidade* política midiática também emergem, inclusive através das plataformas digitais.

Os estudos que interseccionam cultura e política, contemplados por diversos pesquisadores em diferentes áreas, refletem a conexão entre esses dois campos tão vastos e presentes na vida e na sociedade humana. Para além do entrelaçamento dos campos em específico, esta pesquisa contribui para o avanço no que diz respeito à associação entre cultura pop e política como meio, caminho,

³ Consideramos importante destacar que a plataforma X/Twitter foi suspensa no dia 30 de agosto de 2024 no Brasil, devido a uma decisão do Supremo Tribunal Federal (STF). No entanto, recolhemos as informações da plataforma até a data da suspensão.

estratégia e conexão, no que se refere às escolhas temáticas utilizadas por perfis de políticos partidários em plataformas digitais.

Em recentes incursões sobre o tema, Angela Marques e Luís Mauro Sá Martino, no livro *Política, Cultura Pop e Entretenimento: Prováveis encontros que estão transformando a democracia brasileira* (2022), dialogam com a ideia de que a cultura pop, "pop" derivado de "popular", é um tipo de produção simbólica da indústria da comunicação, que "distribuída em grande escala e dirigida a um público consumidor global, que se apropria e se envolve com esse conteúdo, criando seus próprios significados" (Sá Martino e Marques, 2022, p. 29).

No entanto, os autores sugerem que na relação entre entretenimento, cultura pop e política, os dois primeiros campos, apesar de frequentemente interligados e vistos sob a ótica do entretenimento, muitas vezes considerados como "algo não sério" — ao contrário da política —, tornam-se potências para tratar de questões, "sérias", como do campo político e social. A política aprendeu a lição de alcançar seu público, ou seja, a necessidade de falar a mesma língua, "pouca coisa seria mais familiar do que a linguagem da mídia" e concluem, "parece que não é mais possível imaginar uma separação entre política, de um lado, e entretenimento, de outro — aliás, talvez nunca tenha sido" (Sá Martino e Marques, 2022, p.16).

A partir disso, este trabalho se organiza, com base na fundamentação teórica, da seguinte forma: no capítulo 1, O POP PARA ALÉM DAS PRÁTICAS DO ENTRETENIMENTO, são abordadas as bases da cultura pop midiática com a contribuição de autores como Soares (2014, 2021) e Kellner (2001). O capítulo 2, POLÍTICA NA TRILHA DO POP, discute a interseção entre cultura pop e política, fundamentado em Jenkins (2009), Amaral (2014, 2016) e Sá Martino e Marques (2022). Já o capítulo 3, PLATAFORMIZAÇÃO DA POP-POLÍTICA, explora as ambiências digitais, com autores como Castells (2003), Van Dijck (2016), Mintz (2019), Van Dijck, Poell e Nieborg (2019), Babo (2021) e Pacheco (2022). No capítulo 4, UMA DIVA POP NA POLÍTICA: A DEPUTADA FEDERAL ERIKA HILTON, são analisadas, com base em Soares (2014, 2021) e Sá Martino e Marques (2022), as falas da deputada em entrevistas. O capítulo 5 detalha os PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS. No capítulo 6, dividido em 6.1 e 6.2, são discutidos os estudos de casos. Por fim, no capítulo 7, apresentam-se as CONSIDERAÇÕES FINAIS.

1. O POP PARA ALÉM DAS PRÁTICAS DO ENTRETENIMENTO

Distanciando-se dos estudos tradicionais da Escola de Frankfurt sobre Cultura, Soares (2014) adota uma premissa em seu livro, *Abordagens Teóricas para Estudo Sobre Cultura Pop*, que é fundamentada na intersecção entre a Teoria Crítica, os Estudos Culturais e a Economia Política da Comunicação. Para o autor, a denominação "*popular*", termo oriundo da língua inglesa, com referências ao movimento artístico da Pop Art em 1950, se mostra em um momento histórico em que "a discussão implantada era a da existência de uma estética das massas, tentando achar a definição do que seria a cultura pop"

Estas acepções se diferenciam quando chegamos ao contexto da língua portuguesa, em que também se usa a expressão pop, aqui também se referindo à mesma ideia de "popular midiático" original, no entanto, ao nos referirmos ao conceito de "popular", temos uma ampliação do espectro de atuação das noções semânticas: o "popular", na língua portuguesa, pode se referir tanto ao "popular midiático" [...] ao "popular" como aquele ligado à "cultura popular" (ou folclórica) e que na língua inglesa não se chama de "popular", mas sim de folk. (Soares, 2014, p. 72)

Nesse sentido, Soares aponta que a ideia de "popular midiático" se dá através do consumo midiaticizado na qual a sociedade está imersa, a título de exemplo, "estamos falando de telenovelas, filmes produzidos dentro dos padrões de estúdio, artistas musicais ligados a um ideário de indústria da música, entre outros" (Soares, 2014, p. 41). Dessa forma, o *popular midiático* é constituído a partir do consumo de produtos culturais amplamente disseminados pelas mídias, moldando uma identidade coletiva influenciada por narrativas e padrões da indústria cultural.

Ao retornarmos a ideia, o autor reflete sobre a utilização do termo "pop" a partir de uma imensa variedade de significados, sendo "produtos, fenômenos, artistas, lógicas e processos midiáticos [...]". O termo pop tornou-se elástico, amplo, devedor de um detrimento em torno de suas particularidades e usos por parte de pesquisadores das Ciências Humanas" (Soares, 2014, p.69). Contudo, a ideia do pop, do popular, está atrelada, também, a uma lógica de mercado, uma lógica capitalista. A partir disso, o autor reforça: "tratar a cultura pop como um conjunto

de práticas de consumo sugere pensar uma espécie de vivência pop no cotidiano"(2014, p. 69) As práticas de consumo de produções da indústria cultural (música, cinema, televisão, entre outras) estão diretamente ligadas às vivências que se dão através de gostos, acessos, comportamentos.

Estar imerso na cultura pop é se estender por objetos que falam por clichês, por frases de efeito, por arranjos musicais já excessivamente difundidos, por filmes cujos finais já sabemos, canções cujos versos já ouvimos, refrões que nos arrepiam, cenas de novela que nos fazem chorar, e por aí adiante. (Soares, 2014, p.69)

No entanto, é essencial propor conceitos mais precisos e categorizados ao abordar o que é cultura pop. O pesquisador enfatiza a importância de enfrentar, tanto teórica quanto empiricamente, um termo amplamente utilizado no jornalismo cultural, no entretenimento e no senso comum que muitas vezes se perde nos significados. Com isso, Soares (2014) propõe uma organização de conceitos que não apenas desvia, mas também sugere novas direções para a “lógica midiática”, cuja origem está no entretenimento. Ele destaca como as experiências e práticas dos indivíduos são profundamente influenciadas por produtos culturais gerados dentro de padrões da indústria, que, embora enraizados nas lógicas capitalistas, ainda tentam acomodar e legitimar experiências que transcendem essas imposições:

Reconhecemos um lugar da experiência e das práticas dos indivíduos que são permeadas por produtos, gerados dentro de padrões normativos das indústrias da cultura, que se traduzem em modos de operações estéticas profundamente enraizados nas lógicas do capitalismo, mas que encenam um certo lugar de estar no mundo que tenta conviver e acomodar as premissas e imposições mercantis nestes produtos com uma necessidade de reconhecimento da legitimidade de experiências que existem à revelia das consignações do chamado capitalismo tardio. (Soares, 2014, p.70)

A cultura pop, como aponta Soares, “estabelece formas de fruição e consumo que permeiam um certo senso de comunidade, pertencimento ou compartilhamento de afinidades que situam indivíduos dentro de um sentido transnacional e globalizante” (2014, p. 74). Com isso, é possível compreender os

consumidores da cultura pop não apenas como receptores, mas como agentes que interpretam e ressignificam artefatos culturais a partir de suas próprias experiências.

Douglas Kellner (2001) destaca que os produtos midiáticos moldam a vida cotidiana e oferecem recursos simbólicos para a construção de identidades. Segundo ele, “há uma cultura veiculada pela mídia cujas imagens, sons e espetáculos [...] modelam opiniões políticas e comportamentos sociais, fornecendo o material com que as pessoas forjam sua identidade” (2001, p. 9). Ao conectar a cultura da mídia à cultura pop, percebemos como ambos impactam nosso cotidiano, influenciando nossas emoções, desejos e a forma como nos posicionamos socialmente. Artistas, músicas e narrativas moldam nossas percepções e inspiram nossas escolhas diárias.

2. POLÍTICA NA TRILHA DO POP

Em 23 de abril de 2016, *Lemonade*, o sexto álbum de estúdio da Beyoncé, foi lançado de surpresa em serviços de *streaming*, uma estratégia já utilizada pela artista em 2013 com o álbum-visual homônimo *Beyoncé*. Ambos os lançamentos causaram um alvoroço e intenso engajamento nas redes sociais. Enquanto o álbum *Beyoncé* tem como tema central o empoderamento feminino, *Lemonade* é amplamente reconhecido por fãs e críticos como o mais político do catálogo da artista.

A performance de Beyoncé no *Super Bowl* de 2016⁴, onde apresentou o *single Formation* que deu início a nova era, gerou uma onda de controvérsias políticas. A música aborda criticamente a violência policial contra negros e a performance incluiu uma homenagem aos Panteras Negras no figurino das dançarinas. O ato, em um dos maiores eventos midiáticos do mundo, causou indignação entre políticos conservadores do país:

A música, que critica a violência policial contra negros, e a homenagem aos Panteras Negras no figurino das dançarinas revoltaram a classe republicana do país. Como forma de protesto, um boicote contra a cantora foi planejado para acontecer em frente à sede da NFL (organização que cuida do futebol americano nos EUA),

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SDPITj1wlkg&t=206s>. Acesso em 24 de maio de 2024.

em Nova York, no dia 16 de fevereiro, data que começa a venda de ingressos para a nova turnê de Beyoncé. (VEJA, 2016)

Além disso, nas plataformas digitais houve uma mobilização chamada #BoycotteBeyoncé⁵, através da utilização de *hashtag*, principalmente X/Twitter, mas também em outras redes.

O envolvimento de artistas midiáticos no campo político, seja ideológico ou partidário, não é novo. Sá Martino e Marques (2022, p14) destacam que a política vai além do “campo político” tradicional, sendo uma prática cotidiana que envolve a distribuição de poder, identidades e direitos no espaço público. Para eles, o entretenimento também é uma ação política, pois influencia a construção e transformação de identidades e visões de mundo de grupos sociais. Assim, a produção cultural, mediada pelos meios de comunicação, desempenha um papel crucial na formação de gostos, ideias e estilos de vida:

A definição de quem se é, dos grupos aos quais se pertence e das relações que podem ser estabelecidas entre eles são ações de natureza política. E a produção cultural vinculada de alguma forma aos meios de comunicação é parcialmente responsável por auxiliar na construção de gostos, ideias, significados e estilos de vida. (Sá Martino e Marques, 2022, p.14)

Sá Martino (2011), em seu artigo *Três hipóteses sobre as relações entre Mídia, Entretenimento e Política*, traz referências de Postman (1986) e Putnam (1995), que, tradicionalmente, entendem a relação entre entretenimento e política de forma negativa, causador de uma alienação política da sociedade. Ambos reconhecem a presença onipresente da mídia no processo político, mas argumentam que o entretenimento desvia a atenção das questões importantes e enfraquece o engajamento cívico, gerando problemas para a democracia. Entretanto, Sá Martino (2011, p. 1) aponta que existem pesquisadores que estão procurando rever essas referências, "sem deixar de lado uma visão crítica, mas avaliando a pertinência de alguns de seus pressupostos em uma sociedade dominada pelos meios de comunicação".

À primeira vista, entretenimento e política não poderiam

⁵ Disponível em:

<https://www.dw.com/en/beyonces-blacklivesmatter-message-faces-backlash-from-police/a-19065659>. Acesso em: 20 de maio de 2024.

estar mais distantes. A política trata – ou deveria tratar – de temas relacionados ao interesse de todas e todos, partidos e governos, administração do Estado e das questões públicas. O entretenimento, ao contrário, tende a ser relacionado aos momentos de descontração, de não pensar nos problemas. (Sá Martino e Marques, 2022, p. 11)

Vivemos em um ambiente profundamente influenciado pela cultura pop midiaticizada. Ela orienta nossos rituais diários, nos acompanha em momentos de alegria e tristeza, levanta questões éticas e traduz experiências individuais e coletivas. Sentimentos que às vezes não reconhecemos em nós mesmos ou até que pensamos sermos os únicos a sentir de tal forma, podem ser compartilhados através da arte, seja na tela, na letra da música, em algum personagem, nos atos e memes etc. "Quando encontramos outras pessoas com preferências semelhantes às nossas, nos sentimos parte de um grupo e temos o sentido de pertencer a algo" (Sá Martino e Marques, 2022, p.15).

A política e a cultura pop influenciam-se mutuamente, traduzindo sentimentos, crenças e ideologias em experiências individuais e coletivas. Embora a cultura pop continue a atrair o público, pesquisas indicam uma queda no interesse por política partidária e candidatos tradicionais (Sá Martino e Marques, 2022). No entanto, isso não significa desinteresse por pautas sociais. Nas redes, discussões sobre questões políticas e identitárias em filmes, livros e séries mobilizam tempo e energia, com fãs usando essas histórias para abordar questões cotidianas (Sá Martino e Marques, 2022, p. 43).

No livro *Cultura da Convergência* (2009), Henry Jenkins apresenta o conceito de “cultura participativa”, destacando o modo como as comunidades em rede interferem na produção e circulação de conteúdos midiáticos. Essa dinâmica também se aplica à política, onde a conexão entre políticos e eleitores se assemelha à relação entre artistas e fãs. Como apontam Sá Martino e Marques (2022), “embora o conteúdo certamente seja diferente, há pontos muito próximos entre a militância política e o engajamento dos fãs – o mais relevante talvez seja a paixão que move qualquer uma dessas duas formas de relação entre pessoas, grupos e objetos” (p.68). Assim, o vínculo emocional entre eleitores e políticos é impulsionado pela mesma intensidade que une fãs a figuras da cultura pop.

De uma maneira geral, fã é aquela pessoa que "gosta muito de alguma coisa". "*Fan*", do inglês, é abreviatura de "*fanatic*". A cultura pop está diretamente

ligada à cultura dos fãs. Mais do que consumidores de produções artísticas, os fãs são engajados, se dedicam a aprender, ler, discutir, questionar, interagir, e, sempre que possível, intervir na criação. O reconhecimento da importância de uma posição está relacionado ao sucesso de público, ao número de fãs, a chamada *fanbase*, e ao retorno obtido (Sá Martino e Marques, 2022).

Um dos tipos de conteúdo que tem ganhado cada vez mais força na internet, especialmente nessas plataformas, é o pautado pelo humor e entretenimento, o que aponta para uma conexão entre as representações de subculturas e o papel do humor no ambiente digital (Amaral, Barbosa & Polivanov, 2015). Fãs da cultura pop, assim como apoiadores e eleitores de políticos, encontram um palco propício para a mobilização e para o interesse coletivo de afetos. A capacidade de articulação dos fãs e a visibilidade das questões sociais e políticas nesses espaços ilustram como a cultura pop pode potencializar essas relações.

3. PLATAFORMIZAÇÃO DA POP-POLÍTICA

No dia 20 de junho de 2020, Donald Trump, ex-presidente dos Estados Unidos, planejou um comício presencial para impulsionar sua campanha eleitoral⁶. Com grande expectativa, após um mês de pausa por conta da pandemia de Covid-19, Trump anunciou no X/Twitter a aquisição de 1 milhão de ingressos para o evento no *BOK Center*, esperando uma multidão de pelo menos 100 mil pessoas (Silva e Pacheco, 2022). No entanto, o local ficou com fileiras inteiras vazias. A equipe de campanha não previu que um dos protestos contra o presidente, que estava tentando a reeleição, seria realizado em uma plataforma digital, o TikTok, pelos fãs de K-pop. De acordo com Silva e Pacheco (2022), os fãs do movimento *hallyu*⁷, ou onda coreana, reservaram ingressos sem a intenção de comparecer no comício.

A mobilização dos fãs de K-pop contra o comício de Trump em 2020

⁶ Disponível em:

<https://g1.globo.com/mundo/eleicoes-nos-eua/2020/noticia/2020/06/20/trump-faz-primeiro-comicio-desde-inicio-da-pandemia.ghtml>. Acesso em: 22 de jun 2024.

⁷ O movimento *hallyu* tem se tornado um fenômeno global, "impulsionado pelas plataformas digitais que permitem que bandas, séries e músicas da Coreia do Sul ultrapassem fronteiras geográficas e se tornem acessíveis a um público global interessado nos produtos culturais do país asiático" (Silva e Pacheco, p. 202, 2022)

dimensiona como a cultura pop, ou melhor, a cultura participativa de fãs de artistas da cultura pop, pode impulsionar o engajamento e mobilização política em plataformas digitais. Adriana Amaral (2016) destaca que as plataformas de redes sociais não apenas ampliaram as possibilidades de interação cotidiana, a manutenção de laços sociais e o compartilhamento de informações, mas também permitiram novas formas de expressão associadas a cenas culturais, *fandoms* e subculturas.

O que é mais importante na relação entre fãs e eleitores, é que o fã se diferencia do público-geral pelo seu grau de participação e engajamento com aquilo que gosta, que inspira e é inspirado, sendo que "uma das principais características da cultura pop é o engajamento do público em grande escala" (Sá Martino e Marques, 2022, p.75). Com isso, é possível identificar que o popular midiático resgata na essência a cultura participatória para além das práticas de consumo do produto:

Na música pop, por exemplo, o engajamento com cantoras, cantores e bandas vai muito além da identificação com as letras ou melodias e inclui o que fãs entendem como a postura da banda, o comportamento, os modos de ser e estilos de vida de seus ídolos e seu posicionamento diante de questões políticas e sociais. (Sá Martino e Marques, 2022, p.77)

No entanto, como aponta Isabel Babo (2021, p. 35), “o ativismo em rede não deixou de estar na origem e de desencadear ações conjuntas no espaço público; não conduziu à preponderância de interações exclusivamente virtuais”. É essencial reconhecer que as plataformas digitais não operam de maneira isolada; elas fazem parte de um ecossistema mais amplo, conectado às práticas sociais e cotidianas. A plataformização, conforme discutida por Van Dijck (2016), refere-se à crescente influência das plataformas digitais na vida em sociedade na contemporaneidade, refletindo um fenômeno paralelo à midiaticização (Mintz, 2019), entendida como o processo ou “meta-processo” em que o social é moldado e mediado pela mídia. Nesse cenário, a política não depende mais exclusivamente dos tradicionais conglomerados midiáticos, mas se dissemina amplamente por redes sociais e aplicativos.

A formação de redes, como observa Castells (2003), é uma prática social enraizada na história humana. A convergência entre o uso de smartphones e redes

digitais com atividades do dia a dia, como a organização política, exemplifica como a tecnologia amplia as formas de comunicação e mobilização social. Nesse sentido, Sá Martino e Marques (2022, p.44) destacam que “esse tipo de organização encontrou um terreno fértil nas redes sociais”. Assim, as plataformas digitais atuam como ferramentas que potencializam ações já enraizadas em práticas humanas mais amplas.

Essa integração entre o cotidiano e o digital intensifica o alcance das ações políticas, permitindo que movimentos sociais se organizem de maneira mais rápida. Além disso, as redes sociais criam novas formas de engajamento e participação cívica, descentralizando a influência das instituições tradicionais. A noção de ambiência digital está profundamente conectada à plataformização. Cada plataforma cria um espaço único, onde as interações são determinadas por suas funcionalidades específicas que passam a mediar formas de expressão e envolvimento social. Assim, a ambiência digital não é apenas uma adaptação tecnológica, mas um processo contínuo de reconfiguração das nossas interações e percepções.

No entanto, a plataformização, conforme descrita por Poell, Nieborg, Van Dijck (2019), vai além da simples mediação das interações cotidianas. Ela envolve uma penetração mais profunda nas infraestruturas sociais e econômicas, alterando as dinâmicas de poder e controle. Com isso, a plataformização pode ser vista como uma transformação multifacetada das sociedades globalizadas, "semelhante à industrialização ou eletrificação, que redesenha práticas e percepções coletivas" (Poell, Nieborg, Van Dijck, 2019, p.6). Ou seja, as plataformas são infraestruturas de mediação social, reorganizando práticas e percepções coletivas de engajamento cívico.

As plataformas assumem o papel de intermediadoras centrais, acumulando vastas quantidades de dados e utilizando esse conhecimento para moldar fluxos de informação, monetizar conteúdos e aplicar filtros e moderadores invisíveis que afetam o que consumimos. Em suma, de acordo com os autores, a plataformização reconfigura o próprio tecido social, inserindo-se em todas as esferas da vida e redefinindo a maneira como nos conectamos e nos envolvemos com o mundo. Esse processo, que Helmond (2015) chamou de “plataformização progressiva”, intensificou-se desde os anos 1990, com as *Big Techs* assumindo posições centrais na mediação das interações sociais. Isso não apenas redefiniu a arquitetura da web,

mas também reconfigurou o mercado de bens culturais e a dinâmica das discussões políticas.

4. UMA DIVA POP NA POLÍTICA: DEPUTADA FEDERAL ERIKA HILTON



Figura 1: captura de tela de uma publicação no perfil de Erika Hilton no X/Twitter.

Neste capítulo, através de reportagens e entrevistas, destacamos os momentos em que a cultura pop se manifesta nas falas de Erika Hilton, refletindo como esses elementos culturais influenciam sua identidade. Além disso, Erika Hilton é bastante ativa em seus perfis nas plataformas digitais. Na usabilidade cotidiana, publica conteúdos que vão além de sua atuação como deputada federal e militante política partidária. Embora ocupe um cargo público, Erika aborda temas diversos, como moda, beleza, cultura pop e, naturalmente, política.

Em reportagem publicada na revista Piauí, intitulada *A Camaleoa, as glórias e tragédias que produziram Erika Hilton*⁸, a jornalista Lara Machado acompanhou o cotidiano da deputada, ressaltando na produção sua dualidade como

⁸ Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/as-glorias-e-tragedias-que-produziram-erika-hilton/>. Acesso em: 30 de jul de 2024.

figura pública e celebridade midiática. A reportagem oferece um retrato dos pontos-chave que ajudam a compreender a trajetória de Erika Hilton, trazendo aspectos de sua vida pessoal e pública. Durante a reportagem, Hilton compartilhou uma memória de sua pré-adolescência, uma fase marcada por dificuldades, como sua expulsão de casa e o envolvimento na prostituição. Nesse contexto, ela relembra: “Eu era uma menina, fã de Amy Winehouse, que tinha acabado de se decepcionar com o novo visual de Avril Lavigne” (Hilton, 2024).

É notório que a cultura pop acompanha nossas experiências, midiaticizadas, em várias instâncias de percepção, de sentimentos, influenciando nossa percepção de si mesmo e do mundo ao redor. Ser fã de artistas como Amy Winehouse e Avril Lavigne nos anos 2000 significava mais do que simplesmente consumir suas músicas, era também uma forma de identificação com as figuras que elas representavam. A *performance* dessas personalidades reside não apenas em sua arte, mas também na maneira como expõem — ou são expostas — suas vidas pessoais e fraquezas, criando pontes emocionais e íntimas com seus fãs. Afinal, “juntar a cultura pop com as experiências vividas por uma pessoa é uma das principais formas, atualmente, de construção de uma identidade pessoal ou de grupo” (Sá Martino e Marques, p.14, 2022).

Além disso, em entrevistas, a deputada Erika Hilton reforça sua ligação com a cultura pop, especialmente por meio de sua admiração pelas divas pop. Essa conexão se manifesta não apenas em sua comunicação, mas também na moda, no seu estilo pessoal. Artistas como Beyoncé, Madonna, Lady Gaga, Rihanna e Grace Jones, entre tantas outras, utilizam a moda como um meio de expressão que vai além da escolha de roupas. Para essas figuras, a moda é um espaço político, uma ferramenta de identidade e uma extensão da própria performance artística. Erika Hilton adota essa mesma lógica em sua atuação política. Para ela, a moda não é algo superficial, mas um campo onde a política pode se manifestar.

Através de suas escolhas estéticas, Erika contesta a visão tradicional dos políticos formais, que muitas vezes tratam a moda como irrelevante, ou até mesmo protocolar demais. No entanto, para Erika, a estética é um componente importante da política contemporânea. Em entrevista para a revista Marie Claire⁹, ao afirmar

⁹ Disponível em:

<https://revistamarieclaire.globo.com/moda/noticia/2023/11/erika-hilton-fala-de-lugar-de-diva-pop-moda-e-crise-e-estetica-na-politica-antes-de-desfilar-para-apartamento-03-no-spfw.shtml>. Acesso em: 22 de junho de 2024.

que “a crise [em Brasília] é estética”, Erika sublinha a importância da imagem na construção de sua atuação política, destacando que “a estética atrai, a imagem chega primeiro do que a fala às vezes”. Com isso, na política, a forma como se apresenta visualmente pode ser tão importante quanto seus discursos.

Essa abordagem desafia as normas tradicionais e institucionais. Buscar ser uma “diva pop na política”, como disse a própria deputada, é reorganizar os protocolos que veem a política como algo exclusivamente sério e rígido. Erika utiliza essa abordagem para transformar a política em algo mais acessível e atraente, e, ao se inspirar nas divas pop, ela propõe uma nova forma de fazer política, que mistura responsabilidade e leveza, seriedade e diversão, buscando engajar os cidadãos de forma mais orgânica. Com isso, defende em uma entrevista concedida ao programa Papo de Segunda, exibido pelo canal GNT¹⁰:

Pensar nesse lugar de diva é um lugar que, por exemplo, as LGBTQI+ sempre tiveram muito essa referência com divas. As divas sempre foram muito importantes, têm um lugar no coração das pessoas. Por que não brincar, flertar e trabalhar nesse lugar [da política]? Primeiro, para embelezar um pouco a política. [...]. Ela é tratada com esse desleixo, de forma tão cinza e horrorosa, porque querem que as pessoas fiquem distantes mesmo. Quanto menos gente olha, quanto menos se interessam, quanto mais distante a sociedade se sente da política, para eles é melhor ainda. Porque não brincar, falar, olhar? Dá para falar de política séria, sem palhaçadinha, brincadeira, política séria mesmo, com responsabilidade, ética, coerência. Mas por que a gente não pode mesclar isso com leveza, com pop, com diversão, com algo que jovens, a população negra, e a periferia se identifiquem de forma mais natural, mais orgânica? Tirar esse peso da política, do que ela representa na vida das pessoas. Ali eu entendi que tinha um trabalho a ser realizado, deixando quem eu sou aparecer. Eu não preciso me vestir assim, me comportar assim para ser levada a sério e respeitada, eu posso ser eu. (Hilton, 2024)

Com a intenção de se aproximar dos *fãs-eleitores* e fazer um “bom uso” das plataformas digitais, a deputada participa regularmente de entrevistas em canais, podcasts, programas e colaborações com influenciadores, sempre trazendo cortes para suas redes. Em muitos desses espaços, seus gostos pessoais e sua ligação com a cultura pop são destacados, indo além da política. Embora a política permaneça como um pano de fundo essencial, é sua presença *autêntica* que a torna mais acessível e conectada ao público. Essa estratégia reflete o que Sá Martino e Marques (2022) chamam de “direcionamento para atender a certas demandas do

¹⁰ Disponível em: <https://x.com/canalgnt/status/1802890671159640367> . Acesso em 3 de agosto de 2024.

modus operandi da mídia”. Segundo os autores,

A preocupação constante com a imagem, o uso estratégico de posts em redes sociais, a preparação para falar com jornalistas, referências da cultura pop em comentários sobre política, o momento correto para fazer uma declaração mostram um direcionamento para atender a certas demandas do modus operandi da mídia. (2022, p. 13)

Ao atender às demandas midiáticas, é possível perceber que há *performance* envolvida na atuação de Erika Hilton. De acordo com Sibilia (2015), a *performance* pode ser entendida como “um ato qualquer – ou, pelo menos, uma enorme variedade de atos possíveis – mas que, para ser categorizado como tal, deve ser efetuado por um ou vários artistas performáticos”. Nesse sentido, o que caracteriza a performance não é apenas a ação em si, mas o fato de ser realizada por alguém que se vê como um performer e é vivida pelo público dessa maneira. Sibilia também destaca que “trata-se de uma ação praticada por alguém que considera estar realizando uma performance, e cujo público assim o vivencia” (p. 354, 2015). Dessa forma, a atuação de Erika Hilton pode ser interpretada como uma *performance* política não-tradicional.

Ao mesmo tempo, o fato de soar como uma *performance* não significa que seja algo não-genuíno; pelo contrário, pode ser uma expressão autêntica de quem a pessoa realmente é. A *autenticidade*, elemento fundamental na construção da imagem de Erika Hilton como uma política-celebridade, é também uma característica que Sibilia (2015) discute. Erika exemplifica isso ao integrar sua identidade pública com referências da cultura pop e causas políticas, tornando-se uma figura autêntica e engajada. Assim como os fãs da cultura pop consomem intensamente o conteúdo de seus ídolos, os seguidores eleitores de Erika encontram em sua imagem uma conexão emocional e política. “Essa paixão que move qualquer uma dessas duas formas de relação entre pessoas, grupos e objetos” (Sá Martino e Marques, 2022, p. 68) é central tanto para a militância política quanto para o engajamento de *fãs-eleitores*.

Ao mesclar elementos da cultura pop com sua atividade política, Erika Hilton consegue atingir públicos diversificados e reforçar sua imagem de maneira orgânica e autêntica, estabelecendo uma conexão direta com audiências que, de outra forma, poderiam se sentir distantes da política. Essa intenção em ser uma diva pop na política, de acordo com Erika Hilton, é uma forma de tornar a política

mais atraente e acessível. Em suas palavras, “a política não pode ser o tempo todo feia, cafona, *uó*. Ela precisa ter um pouco mais de brilho, de glamour, para que as pessoas tenham mais atenção para ela” (Hilton, 2024).

5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta pesquisa, de caráter qualitativo, publicações da deputada federal Erika Hilton no X/Twitter é o objeto principal de estudo, e a análise se baseia em dois estudos de caso. A escolha por utilizar o estudo de caso como metodologia a ser construída se deu após observar como Erika se apropria de elementos e referências da cultura pop, em especial das divas pop, em suas publicações nas redes sociais. A partir disso, identificamos dois casos no X/Twitter nos quais ocorre uma ligação entre a lógica da cultura pop e a prática política, com o objetivo de alcançar representatividade, engajamento e promover debates públicos relevantes. Esses casos nos permitem alçar elementos do processo midiático da cultura pop combinados com a atuação partidária em redes digitais, fenômenos característicos da contemporaneidade.

Para identificar os dois casos que foram analisados, realizamos uma observação contínua de suas publicações nas redes sociais, focando na integração das duas lógicas que são centrais a esta pesquisa: o uso da cultura pop na política em plataformas digitais. Durante essa observação, notamos que a deputada estrutura suas publicações em torno de duas categorias principais: 1) conteúdos relacionados à identidade e performance da própria; 2) conteúdos relacionados à política institucional e partidária, à luz do seu cargo público. Embora Erika também poste sobre outros temas, como moda e tendências, nosso foco está nesses dois eixos, pois são os que mais dialogam com os nossos objetivos.

Os dois casos escolhidos como estudos de caso nesta pesquisa são: 1) a fala política no festival de música *Coachella* a convite da artista Ludmilla e 2) a mobilização de *fanbases* contra o Projeto de Lei nº 1.904/2024, que equipara o aborto ao crime de homicídio. Esses casos foram selecionados com base em sua capacidade de exemplificar a interseção entre política e cultura pop na atuação de Erika Hilton na rede social X/Twitter.

Segundo Sá Martino (2018), o estudo de caso não é simplesmente um exemplo isolado, mas sim representativo de uma situação maior que buscamos

entender. O estudo de caso permite uma compreensão aprofundada de fenômenos complexos ao examinar suas particularidades, oferecendo pistas sobre o contexto mais amplo.

O estudo de caso não é um "exemplo", mas *exemplar* no sentido de ser *representativo* da situação que se busca analisar. Como pesquisa, o estudo de caso foca em um único caso que, por suas características particulares, permite compreender melhor o conjunto de uma situação. (Sá Martino, p.152, 2018)

Como descreve o autor (p. 152), “o estudo de caso foca em um único caso que, por suas características particulares, permite compreender melhor o conjunto de uma situação”. Assim, ao estudar o caso da mobilização das *fanbases* a convite da Erika Hilton ou a sua presença no *Coachella*, não apenas analisamos eventos específicos, mas também utilizamos esses casos como janelas para entender o fenômeno maior da atuação de políticos contemporâneos que utilizam a cultura pop como ferramenta nas plataformas digitais.

Cada caso será analisado a partir de critérios comuns. Focamos em dois pontos principais: 1) movimentação e mobilização no X/Twitter; e 2) repercussão na mídia tradicional através de entrevistas e matérias. Para o primeiro ponto, observamos como Erika utiliza suas plataformas digitais para engajar com públicos diversos, especialmente através de referências à cultura pop. Para o segundo, examinamos como essas ações reverberam na mídia tradicional e digital, contribuindo para sua visibilidade e influência no debate político.

Trabalhamos com definições de "política" que, apontadas por Ângela Marques e Sá Martino (2022), tornam o entendimento mais simples deste conceito tão amplo. Um primeiro apontamento é que política, acima de tudo, é algo para ser comunicado e para criar articulações a partir dessa comunicação. No entanto, existe também a esfera política em sentido estrito, no que diz respeito à administração dos negócios públicos, à elaboração e execução das leis e sua fiscalização. A “política” envolve também governos, instituições e partidos, quanto os micropoderes espalhados pelo cotidiano. De fato, tudo isso é “política” no sentido mais específico e mais comum.

Embora este trabalho não se insira diretamente nos estudos de gênero, é fundamental reconhecer a importância de Erika Hilton ocupar um cargo público como deputada federal por São Paulo. Corpos dissidentes, corpos travestis, como o

de Erika, ainda enfrentam marginalização na sociedade brasileira¹¹, o que torna sua presença no cenário político ainda mais marcante. A partir disso, o foco desta pesquisa está em trazer alguns apontamentos iniciais em relação a comunicação nas redes sociais da deputada, explorando a intersecção entre política e cultura pop. Reconhecer Erika Hilton como uma cidadã brasileira que ocupa legitimamente um cargo político para além da sua identificação de gênero é reconhecer suas outras facetas, e neste contexto, nossa intenção é caracterizar o impacto de sua atuação através das lentes da política e cultura pop nas plataformas digitais. Assim, este trabalho se alinha ao campo da comunicação, à lógica digital e às dinâmicas entre política e cultura pop, sem se concentrar exclusivamente em questões de gênero.

6. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

A escolha deste objeto de pesquisa e estudo de caso decorreu da observação do uso recorrente de elementos da cultura pop, especialmente relacionados às divas pop, nas redes sociais da deputada federal por São Paulo, Erika Hilton (PSOL-SP). Durante o acompanhamento das publicações que precederam a seleção dos casos específicos para análise, identificamos algumas postagens que se destacam por evidenciar a intersecção entre política e cultura pop. Ao se posicionar digitalmente, Erika Hilton faz frequentes referências à cultura pop, e suas postagens que envolvem esse tema assumem quase uma performance de diva. Silva (2023) descreve essa performance como uma expressão de identidade que, embora não transforme diretamente a política, atua como uma poderosa ferramenta de expressão e conexão emocional com o público.

A utilização de referências midiáticas culturais se mostra importante na construção da imagem digital de Erika Hilton. Um exemplo, é a foto em que a deputada aparece posando usando um chapéu de *cowboy* com a legenda “As boiadeiras não dá pra encarar”¹², uma referência direta à música “Pipoco” de Ana Castela, Melody e DJ Chris no Beat, que chegou em primeiro lugar na parada de música mais ouvidas de 2022 no Spotify Brasil¹³. Essa publicação atingiu, até a

¹¹ Disponível em:

<https://unaid.org.br/2020/01/mais-de-90-da-populacao-trans-ja-sofreu-discriminacao-na-vida/>. Acesso em 2 de agosto de 2024.

¹² Disponível em: <https://x.com/ErikakHilton/status/1774144419698024768>. Acesso em: 18 de junho 2024.

¹³ Disponível em:

escrita desta pesquisa, 170 mil visualizações e obteve 15,5 mil curtidas.

Outro caso é a publicação “*Cowboy Carter*”¹⁴, em que Erika se veste com trajes de *cowboy* em referência ao último lançamento do álbum de Beyoncé que homenageia a música country. Essa postagem alcançou 350 mil visualizações e 30,5 mil curtidas até o momento, demonstrando o impacto de Erika ao associar-se com narrativas culturais globais que possuem forte apelo midiático. A inserção de Erika Hilton em debates culturais internacionais, como o lançamento do álbum de Beyoncé, reforça sua relevância política e também a posiciona como uma figura que dialoga com questões de identidade, raça e cultura pop. Da mesma forma, sua aparição ao lado de uma das artistas nacionais da indústria musical pop mais conhecidas do país, Pabllo Vittar, na Parada LGBTQI+ de São Paulo¹⁵ gerou 580 mil contas alcançadas e 67 mil curtidas. Erika é parte da comunidade LGBTQI+ e sua conexão com este público reforça sua intencionalidade de estar nesses espaços combinando ativismo e cultura pop em eventos públicos e festividades.

Por fim, sua aparição na revista Harper’s Bazaar¹⁶, em editorial inspirado em divas pop como Diana Ross e Solange Knowles, é exemplar em como Erika transita entre moda, cultura e política. A escolha de referências visuais ligadas a figuras icônicas da cultura negra e pop agrega valor simbólico à sua imagem pública, posicionando-a não apenas como uma figura política, mas também como uma figura relevante no campo midiático. No X/Twitter, a publicação alcançou mais de 1 milhão de visualizações e teve mais de 30 mil curtidas.

<https://istoe.com.br/pipoco-de-ana-castela-com-participacao-de-melody-e-dj-chris-no-beat-bate-primeiro-lugar-das-50-musicas-brasileiras-mais-ouvidas-do-spotify/#:~:text=M%C3%BAAsica-,'Pipoco'%2C%20de%20Ana%20Castela%2C%20com%20participa%C3%A7%C3%A3o%20de%20Melody,brasileiras%20mais%20ouvidas%20do%20Spotify> Acesso em 20 de julho de 2024.

¹⁴ Disponível em:

<https://x.com/erikakhilton/status/177391917111190612?s=46&t=uIJdbEyDONHsGALZkMwBJQ> . Acesso em: 18 de junho de 2024.

¹⁵ Disponível em: <https://x.com/ErikakHilton/status/1797345362786590744> . Acesso em: 18 de junho de 2024.

¹⁶ Disponível em: <https://x.com/ErikakHilton/status/1797268545639764391> . Acesso em: 18 de junho de 2024.



Figura 2: captura de tela de uma publicação no perfil de Erika Hilton no X/Twitter.

A presença de Erika Hilton nas redes sociais, particularmente no X/Twitter, destaca-se por sua *autenticidade* (Sibilia, 2015). Além de se engajar em temas populares, o que diferencia sua estratégia de comunicação de outras figuras políticas é a utilização de referências de artistas pop. Sua atuação nas redes desafia os protocolos tradicionais da política, aproximando-se de seu público como uma figura autêntica e conectada ao cotidiano de seus seguidores. Em entrevista ao programa Põe na Roda¹⁷ em maio de 2023, a deputada falou abertamente sobre sua intenção de ser uma diva pop na política:

Por que as divas pop são sempre cantoras, são sempre artistas e não estão problematizando? Sendo que é a política que vai trazer dignidade para a nossa comunidade. Então eu percebi isso e falei: aqui tem um caminho a ser disputado, aqui tem lugar a ser disputado, que eu vou pegar essa galera e vai dar certo. Por outro lado, existe o estereótipo que se espera: não se espera uma travesti bem vestida, não se espera uma travesti cara, não se espera uma travesti antenada com a moda, não se espera uma travesti elegante, porque o lugar que nos colocam é um lugar de servidão, é um lugar de subalternidade, é um lugar de precariedade. Parece que a gente nunca vai alcançar o lugar de lá [...] Aí eu venho e digo: não, queridas! A gente já está ocupando esses lugares, nós já

¹⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c1sHOjEG2Ig>. Acesso em 27 de agosto de 2024.

estamos nos repensando, nós já estamos nos colocando no mundo de outra maneira. E quando eu faço esse movimento, é aí que vou parar nas capas das revistas, e quando eu vou parar nas capas das revistas, eu consigo ramificar minha atuação na política. (Hilton, 2023)

A partir disso, a análise se concentra em dois momentos distintos envolvendo a deputada: 1) sua participação no show da Ludmilla durante o festival de música pop *Coachella*; 2) o convite de Hilton para a mobilização de *fanbases* de divas pop contra o Projeto de Lei nº 1.904/2024, que equipara o aborto ao crime de homicídio.

6.1 MENSAGEM POLÍTICA DE ERIKA HILTON NO SHOW DA LUDMILLA NO COACHELLA

Em 14 de abril de 2024, Ludmilla tornou-se a primeira mulher negra latino-americana a se apresentar no palco principal do festival *Coachella*¹⁸, um dos eventos de maior relevância no cenário da música pop global. Sua performance incluiu uma colaboração com a deputada federal Erika Hilton, que, a convite da artista, proferiu um discurso em áudio em defesa da diversidade e contra as diversas formas de ódio. Antes da fala de Erika Hilton, a introdução de Ludmilla ao público foi realizada por Beyoncé, que também enviou um áudio.

Erika Hilton anunciou sua participação no evento através do seu perfil no X/Twitter, onde compartilhou uma matéria da Folha de São Paulo, assinada pela jornalista Mônica Bergamo. O título, *Show de Ludmilla no Coachella terá mensagem política de Erika Hilton*¹⁹, já direciona a intersecção entre política e cultura pop que marcou a participação da deputada no evento. No post, Erika compartilhou com seus seguidores: "Já tão sabendo que amanhã tem participação minha no show da Lud no *Coachella*?"²⁰. A publicação ganhou repercussão na rede social, alcançando, até o momento, mais de 600 mil visualizações, recebendo 17 mil curtidas, mais de 1.000 retweets e cerca de 300 comentários. Erika respondeu na mesma publicação alguns perfis.

¹⁸ Disponível em:

<https://www.metropoles.com/colunas/rodrigo-franca/ludmilla-e-a-1a-cantora-afro-latina-no-palco-principal-do-coachella>. Acesso em 19 de agosto de 2024.

¹⁹ Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2024/04/show-de-ludmilla-no-coachella-tera-mensagem-politica-de-erika-hilton.shtml>. Acesso em 20 de julho de 2024.

²⁰ Disponível em: <https://x.com/ErikakHilton/status/1779222532538638802>. Acesso em 12 de julho de 2024.

O *Coachella*, ao longo dos anos, consolidou-se como um dos principais espaços para a consagração de grandes nomes da música pop e para o impulso de artistas em ascensão. Entretanto, o festival se tornou também um palco de manifestações políticas através de performances de artistas pop. Um exemplo, é o show de Beyoncé em 2018, sendo a primeira mulher negra *headliner* do festival²¹ desde sua fundação em 1999. Conhecida como *Beychella*²², sua apresentação foi um marco na cultura pop contemporânea, utilizando música e estética para abordar questões raciais e de empoderamento.

Em 2024, a participação de Ludmilla reafirma essa importância da representação de mulheres negras em cenários globais. O convite para que Erika Hilton abrisse o show com uma mensagem política reforça a presença da deputada como uma figura pública comprometida com pautas de diversidade e igualdade, mesmo que sejam em ambientes não institucionais da política. O discurso de Erika Hilton, proferido em inglês, foi projetado para o público internacional do festival²³:

Essa é minha casa. E na minha casa eu não vou tolerar nenhuma forma de ódio; racismo, homofobia, transfobia, xenofobia ou misoginia. Este é um espaço de autovalorização, um espaço de liberdade. Todo mundo aqui tem seu valor próprio. Respeite. Respeite minha história, minha gente e a minha comunidade. Respeite a mulher negra mais ouvida da América Latina. Ludmilla in the House!. (Hilton, 2024)

A escolha de algumas expressões em seu discurso, a entonação adotada em sua fala, estabelecem uma conexão direta com a cultura LGBTQI+ e, especificamente, com a cultura *ballroom*. Ao incorporar esses elementos, Erika faz uma referência cultural através de uma fala que dialoga com a linguagem e a estética da comunidade.

No X/Twitter, diversas postagens enalteceram o discurso da deputada, muitas vezes referindo-se a ela como uma “diva”, um termo que carrega um forte significado na cultura pop, especialmente por fãs fiéis de artistas pop. Ao usarmos o buscar dentro da plataforma com as seguintes palavras "Erika Hilton" e

²¹ Disponível em:

<https://www.washingtonpost.com/gender-identity/beyonce-was-the-first-black-woman-to-headline-coachella-her-documentary-of-it-is-coming-soon-to-netflix/>. Acesso em: 28 de agosto de 2024.

²² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FNtr5x0Btwk&t=624s>. Acesso em 28 de agosto 2024.

²³ Disponível em: <https://www.tiktok.com/@erikahiltonsp/video/7358088001764789509>. Acesso em 7 de setembro de 2024.

"Coachella", diversas menções de perfis com expressivo números de seguidores comentam com entusiasmo o discurso político na abertura do show da Ludmilla.

Além das redes sociais, a repercussão midiática também foi significativa. Portais de notícias tradicionais de notícias, como a Folha de São Paulo²⁴, g1²⁵, Gazeta de São Paulo²⁶, entre outros, destacaram a participação de Erika Hilton no *Coachella*, colocando em evidência tanto o show de Ludmilla quanto o discurso da deputada. Na contemporaneidade, para que candidatas e candidatos sejam reconhecidos, é importante que “sejam vistos” (Sá Martino e Marques, 2022). Isso implica em uma constante presença midiática, que exige uma adaptação à lógica da mídia. Para aparecer na mídia de maneira eficaz, os políticos devem se adaptar aos códigos, à linguagem e aos modos de expressão que predominam no ambiente midiático. Como destacam, essa adaptação revela-se na forma como “a lógica da política se adapta à lógica da mídia”

A interação entre Ludmilla e Erika Hilton no *Coachella* reflete uma tendência maior de colaboração entre artistas e figuras políticas, algo que tem se tornado cada vez mais comum, mas não é uma novidade (Sá Martino e Marques, 2022). Essas parcerias podem ser vistas em outros eventos culturais, como, a título de exemplo, no caso de Pabllo Vittar levantando uma bandeira vermelha com o rosto do presidente Luiz Inácio Lula da Silva durante sua apresentação no Lollapalooza durante as eleições de 2022. Ou seja, essas colaborações refletem uma "busca recíproca de prestígio e legitimidade" (Sá Martino e Marques, p. 44, 2022), onde tanto artistas quanto políticos se beneficiam ao se associarem em eventos de grande visibilidade.

No entanto, essa não foi a primeira vez que Erika Hilton protagoniza a participação em eventos pop midiáticos. Em maio de 2024, durante o show de encerramento da turnê *Celebration* de Madonna, realizado na praia de

²⁴ Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2024/04/show-de-ludmilla-no-coachella-tera-mensagem-politica-de-erika-hilton.shtml>. Acesso em 28 de agosto de 2024.

²⁵ Disponível em:

<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2024/04/14/show-de-ludmilla-no-coachella-tem-inicio-com-audio-enviado-por-beyonce.ghtml>. Acesso em 28 de agosto de 2024.

²⁶ Disponível em:

<https://www.gazetasp.com.br/entretenimento/ludmilla-se-apresenta-no-coachella-e-e-anunciada-por-beyonce-e-erika/1136454/>. Acesso em 28 de agosto de 2024.

Copacabana, Brasil, diante de um público de mais de 1,5 milhão de pessoas²⁷, Erika foi homenageada ao lado de outras figuras brasileiras de grande relevância.



Figura 3: captura de tela de uma publicação no perfil del Erika Hilton no X/Twitter.

Nesse movimento é crescente a aproximação entre artistas e políticos. Esse fenômeno revela uma busca mútua por prestígio e legitimidade, “definidos como importantes em determinados momentos e circunstâncias” (Sá Martino e Marques, 2022, p. 14). Do lado dos políticos, essa aproximação compreende alcançar novos públicos ou reafirmar e construir uma imagem mais próxima de audiências que, de outra forma, poderiam não se engajar com a política. Para os artistas, o posicionamento político também é uma forma de se alinhar às expectativas de seus públicos, contribuindo para sua visibilidade e relevância. Como apontam Sá Martino e Marques (p. 14, 2022), “do lado do artista, posicionamentos políticos tendem a estabelecer igualmente uma imagem em consonância com o que seu público específico aguarda – e, em particular, sua visibilidade”.

²⁷ Disponível em:

<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/show-da-madonna/noticia/2024/05/05/madonna-leva-16-milhao-a-copacabana.ghtml#>. Acesso em: 28 de agosto de 2024.

6.2 ERIKA HILTON MOBILIZA *FANBASES* DE DIVAS POP CONTRA O PROJETO DE LEI Nº1.904/2024

O Projeto de Lei nº 1.904/2024²⁸, proposto pelo deputado federal Sóstenes Cavalcante (PL-RJ), que visa equiparar o aborto após 22 semanas de gestação ao crime de homicídio simples, inclusive em casos de estupro²⁹, gerou um debate nacional. No X/Twitter, o projeto, que propõe alterações no Código Penal Brasileiro, provocou uma mobilização intensa e organizada de diversos setores da sociedade, incluindo artistas, ativistas, políticos, e *fanbases* nacionais de divas pop. A iniciativa para mobilizar essas *fanbases* partiu da deputada federal Erika Hilton (PSOL-SP), que investiu em capitalizar o engajamento desses perfis digitais para criar uma frente de oposição ao PL.

A deputada, ao perceber a urgência e o impacto potencial do PL 1.904/2024, buscou apoio de *fanbases* de artistas como Anitta, Taylor Swift, Rihanna, Beyoncé, Lady Gaga, Selena Gomez, BlackPink, entre outras, com um convite realizado pelo WhatsApp e redes sociais³⁰. Em entrevista para a revista Marie Claire, Erika disse que “as divas que eles admiram se manifestam publicamente a favor do aborto” (HILTON, 2024)³¹. O aspecto interessante desse movimento é perceber que os perfis de *fanbases* de artistas são altamente engajados em tudo o que se relaciona ao seu ídolo (Sá Martino e Marques, 2022).

Erika Hilton compreendeu que mobilizar essas *fanbases* poderia ser um fator decisivo para aumentar a visibilidade e a pressão contra o PL. As *fanbases* foram convidados a contribuir no engajamento digital, compartilhando o link do site criancanaoemae.org, que coletava assinaturas contra a proposta legislativa. A

²⁸ Disponível em:

https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=2425262&filename=PL%201904/2024 (Acesso em 02 de junho de 2024).

²⁹ Disponível em:

<https://www.camara.leg.br/noticias/1071458-projeto-de-lei-preve-penas-de-homicidio-simples-para-aborto-apos-22-semanas-de-gestacao#:~:text=Direitos%20Humanos-,Projeto%20de%20lei%20prev%C3%AA%20pena%20de%20homic%C3%ADdio%20simples,ap%C3%B3s%2022%20semanas%20de%20gesta%C3%A7%C3%A3o&text=O%20Projeto%20de%20Lei%201904.de%20gravidez%20resultante%20de%20estupro..> Acesso em 28 de agosto de 2024.

³⁰ Disponível em:

<https://www.poder360.com.br/poder-midia/midia/fa-clubes-de-divas-pop-fazem-acao-para-barrar-pl-contra-aborto/>. Acesso em 29 de agosto de 2024.

³¹ Disponível em:

<https://revistamarieclaire.globo.com/direitos-reprodutivos/noticia/2024/06/fa-clubes-de-beyonce-taylor-swift-bill-ie-eilish-contra-projeto-que-equipara-aborto-a-homicidio.ghtml> . Acesso em: 27 de junho de 2024.

primeira publicação³² em seu perfil sobre o Projeto de Lei nº 1.904/2024 ocorreu em 5 de junho de 2024, marcando o início da mobilização estratégica no X/Twitter. Neste tweet, Erika buscou engajar sua base de seguidores. Até o momento, a publicação alcançou 438 mil visualizações, acumulando 25 mil curtidas e 6,1 mil comentários, evidenciando um alto nível de engajamento.

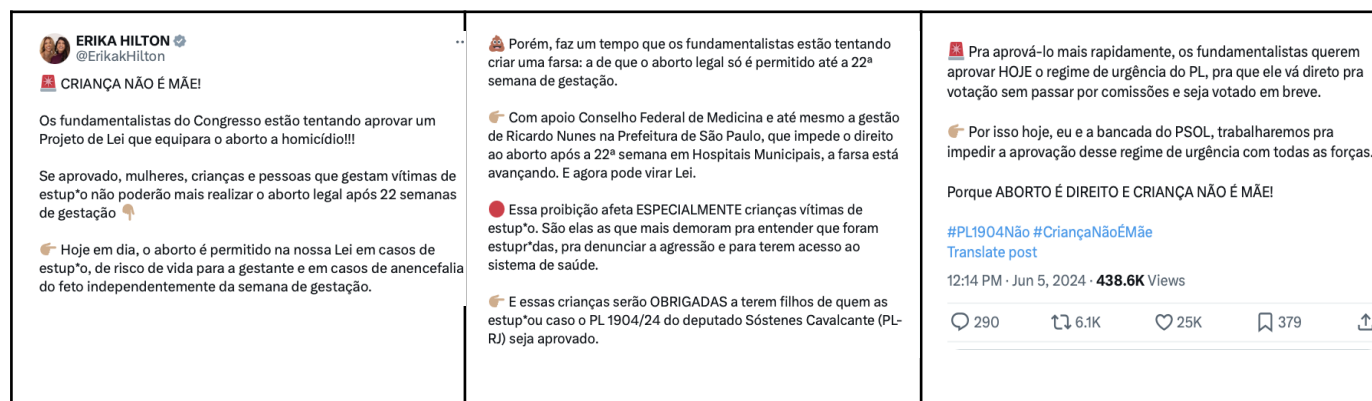


Figura 4: captura de tela de uma publicação no perfil de Erika Hilton no X/Twitter.

Um levantamento realizado pela Arquimedes, solicitado pelo jornal O Globo³³, revelou que entre os dias 12 e 14 de junho de 2024, foram mapeadas 2,3 milhões de publicações no X/Twitter relacionadas ao debate sobre o PL 1.904/2024, das quais 88% eram contrárias ao texto proposto. A maioria das publicações contrárias ao PL se originaram de perfis ligados à esquerda e progressistas.

Contas como o Update Swift Brasil³⁴, com mais de 230 mil seguidores, Beyoncé Brasil³⁵, com 180 mil seguidores, e Selena Gomez Brasil³⁶, com mais de 330 mil seguidores, atuaram, a partir do convite, na mobilização da campanha. Dado o grande número de seguidores e elevado engajamento que conseguem gerar dentro da plataforma, os perfis somaram esforços com publicações intencionadas sobre o PL. A conta Update Swift Brasil escreveu: "Swifties, estamos aqui para pedir atenção para um assunto extremamente importante e prejudicial para todas as mulheres do nosso país"³⁷. Com mais de 190 mil visualizações, 2.400

³² Disponível em: <https://x.com/ErikakHilton/status/1798372787356102946>. Acesso em: 3 de Agosto de 2024

³³ Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/blogs/pulso/noticia/2024/06/14/pl-do-aborto-oposicao-ao-projeto-na-camara-predomin-a-no-x-e-soma-88percent-dos-perfis-do-debate-digital.ghtml>. Acesso em: 28 de agosto de 2024.

³⁴ Disponível em: <https://x.com/updateswiftbr>. Acesso em 28 de agosto de 2024.

³⁵ Disponível em: <https://x.com/beyoncebrasil>. Acesso em 28 de agosto de 2024.

³⁶ Disponível em: <https://x.com/selenagomezbr>. Acesso em 28 de agosto de 2024.

³⁷ Disponível em:

https://x.com/updateswiftbr/status/1800329962655756517?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwtterm%5E1800329962655756517%7Ctwgr%5E590bdbba827a32951c3dcd30387d500495a5c7e6%7Ctwcon

compartilhamentos e 6.700 curtidas, a deputada, atenta à repercussão, respondeu ao tweet, agradecendo o apoio:



Figura 5: captura de tela de um comentário feito por Erika Hilton no X/Twitter.

As interações entre artistas pop e seus fãs refletem uma dinâmica de troca e afeto (Sá Martino e Marques, 2022). Erika Hilton exemplifica em suas interações no X/Twitter, sugerindo que ao utilizar eficazmente esses espaços para se conectar com seguidores, eleitores e fãs, promove maior proximidade.

Erika Hilton, além de utilizar as *fanbases* para amplificar a mensagem, também se destacou como uma das figuras mais influentes no debate. O levantamento da Arquimedes aponta que seu nome foi mencionado em grande parte das publicações sobre o tema, colocando-a ao lado de outras figuras públicas importantes neste debate. Além disso, a campanha gerou um aumento expressivo nas assinaturas contra o projeto, com o número de votos contrários na enquete pública³⁸ da Câmara dos Deputados, saltando para 977 mil, enquanto os votos a favor somam 125 mil.

<https://www.camara.leg.br/enquetes/2434493/resultados>. Acesso em 28 de agosto de 2024.

³⁸ Disponível em: <https://www.camara.leg.br/enquetes/2434493/resultados>. Acesso em 28 de agosto de 2024.

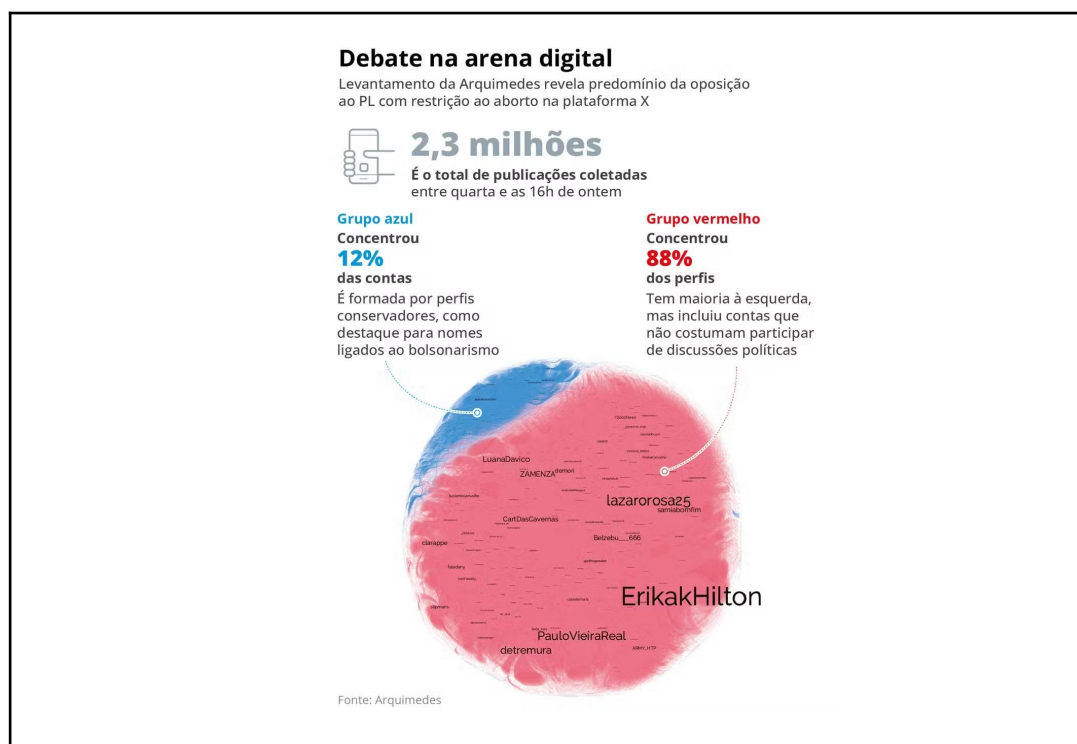


Figura 6: Levantamento realizado pelo Arquimedes sobre o debate na arena digital.

O infográfico divide os participantes em torno do debate digital em dois grupos principais. O primeiro, em vermelho, correspondente a 88% dos perfis, é majoritariamente composto por contas à esquerda. O nome da deputada Erika Hilton aparece em destaque neste grupo, indicando sua influência e liderança na mobilização contra o PL na rede social. O segundo, grupo azul que corresponde a 12% das contas, é formado por perfis conservadores e representa a minoria no debate. Na bolha, a predominância do grupo vermelho no debate, com o nome de Erika Hilton em destaque, indica sua relevância de sua atuação no debate.

Outro aspecto dessa mobilização foi a utilização de *hashtags*, como #CriançaNãoÉMãe³⁹, que rapidamente se tornou um *trending topic* na plataforma X. *Hashtags* têm a capacidade de agregar discussões e facilitar a busca por conteúdo relacionado a um determinado tema, ampliando o alcance das campanhas. De acordo com Lima-Neto e Carvalho (2023), a popularização se deu em 2007, no Twitter, sendo utilizado como uma tag. "Em 2009, tornou-se um link, com o propósito de agrupar textos sob um mesmo tópico e, como consequência, agrupar também pessoas, expressando uma ideia em comum" (2023, p.11). A escolha da

³⁹ Disponível em:

https://x.com/hashtag/Crian%C3%A7aN%C3%A3o%C3%A9M%C3%A3e?src=hashtag_click. Acesso em 28 de agosto de 2024.

hashtag utilizada na mobilização foi particularmente eficaz, pois além de ser direta, resume a principal crítica ao PL 1.904/2024: a violação dos direitos das mulheres.

Em um tweet onde a deputada atualiza seus seguidores sobre o andamento⁴⁰ do Projeto de Lei nº 1.904/2024, o engajamento foi expressivo, ultrapassando 1,3 milhões de visualizações, mais de 52 mil curtidas, 21 mil compartilhamentos e 791 comentários. Em resposta a esse tweet⁴¹, ela compartilhou um vídeo com um trecho da programação da Globo News, no qual a apresentadora Aline Midlej discute a mobilização das *fanbases* nacionais contra o projeto de lei.



Figura 7: captura de tela de uma publicação no perfil de Erika Hilton no X/Twitter.

A repercussão da campanha liderada por Erika Hilton não se restringiu ao ambiente digital, mas também ecoou na mídia tradicional e em manifestações físicas⁴². Isabel Babo (2021) explora essa interação ao afirmar que “na era das tecnologias digitais, da dispersão, da fragmentação, da desmaterialização e desterritorialização, emergem novas condições de possibilidade para a formação do comum, que se constitui tanto nas redes quanto nas ruas” (p. 41). Babo (2021) acrescenta que, embora as redes sociais digitais desempenhem um papel definidor nas mobilizações, essas ações “desenrolam-se em situações de ação coletiva amplas, híbridas e complexas,” conectando o digital ao físico de maneira intrínseca e multifacetada.

⁴⁰ Disponível em: <https://x.com/ErikakHilton/status/1800887262525161664>. Acesso em 17 de junho de 2024.

⁴¹ Disponível em: <https://x.com/ErikakHilton/status/1800888284337537326>. Acesso em 17 de junho de 2024.

⁴² Disponível em: <https://x.com/ErikakHilton/status/1801434436019368416>. Acesso em 29 de agosto de 2024.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo de caráter qualitativo analisou como a cultura pop se entrelaça, ou mais precisamente, é utilizada por figuras públicas no campo político. A partir dos casos estudados, centrados na deputada federal por São Paulo, Erika Hilton, identificou-se uma estratégia apontada no uso de referências da cultura pop para se aproximar e mobilizar grupos que, até então, não se identificavam prioritariamente com a política. Ficou evidente que sua atuação no X/Twitter vai além dos moldes tradicionais da política. Utilizando elementos e referências da cultura pop, a deputada constrói uma autenticidade digital que, conforme observado nas análises, traz mudanças para além da política institucional. Sua presença nas redes, além de divulgar pautas legislativas, a posiciona como uma figura midiática de destaque, ampliando seu impacto.

Silva (2023) ressalta que a performance, por si só, “não é necessariamente transformadora”, mas pode ser uma ferramenta poderosa de expressão. Aplicando essa ideia a Erika Hilton, percebemos que sua performance de diva e as referências à cultura pop engajam para além da sua base ao mesmo tempo que desafiam as normas tradicionais da política brasileira. Ao unir essas estratégias à mobilização digital, a deputada redefine o que é aceitável e esperado no cenário político contemporâneo. A combinação de elementos pop midiáticos com o ativismo político, em que a política se aproxima do entretenimento, torna-se uma dinâmica mais envolvente para diferentes grupos sociais.

Com isso, para pesquisas futuras, propôs-se uma hipótese teórica sobre um possível movimento “pop-político”, que envolve essas referências da cultura pop por parte de políticos, partidários ou não. O movimento possivelmente não apenas redefine as normas de participação na política, mas também abre novas possibilidades de pesquisa entre cultura pop e comunicação digital nas plataformas e redes sociais. Como afirmam Scudeller e Santos (p. 2, 2020), “resistir às possibilidades de um *pop político* ou de uma *política pop*, pressupondo que são territórios antagônicos, é resistir ao paradoxo da complexidade no qual somos forjados”.

REFERÊNCIAS:

AMARAL, A; FRAGOSO, S.; RECUERO, R. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

AMARAL, A. Manifestações da performatização do gosto nos sites de redes sociais: uma proposta pelo olhar da cultura pop. In: **Revista Ecopós**, v.13, n.3, 2014.

AMARAL, A. Cultura pop digital brasileira:: em busca de rastros político-identitários em redes. **Revista Ecopós**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 68-89, jun. 2016.

BABO, Isabel. Ativismo em rede e espaço comum. As mobilizações globais de protesto pelo clima. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, [S.L.], n. 126, p. 25-46, 1 dez. 2021.

BEIGUELMAN, G. **Políticas da imagem**: vigilância e resistência na dadosfera. São Paulo: UBU, 2021.

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. São Paulo, Paz e Terra, 2002.

DE SANTI, P. L. R.. **A construção do Eu na Modernidade**. Da Renascença ao século XIX. 6. ed. Ribeirão Preto: Holos Editora, 2009.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**: a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação. 2a ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KELLNER, D. A cultura da mídia. Bauru: Edusc. 2001.

LIMA-NETO, V.; CARVALHO, A. P. L. SOBRE AS INTERTEXTUALIDADES EM AMBIENTES DIGITAIS: o uso de hashtags. **Alfa: Revista de Linguística** (São José do Rio Preto), [S.L.], v. 67, p. 1-20, jun. 2023.

LIPOVETSKY, G.; SERROY, J. **A estetização do mundo**. São Paulo: Cia das Letras, 2015.

MARTINO, L. M. S. **Teoria da comunicação** Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MARTINO, L. M. S.. Três hipóteses sobre as relações entre mídia, entretenimento e política. **Revista Brasileira de Ciência Política**, [S.L.], n. 6, p. 137-150, dez. 2011.

MARTINO, L. M. S; MARQUES, A. **Política, Cultura Pop e Entretenimento**: O improvável encontro que está transformando a democracia brasileira. Rio de Janeiro. Editora Sulina, 2022.

MINTZ, André Goes. Midiatização e plataformação: aproximações. **Novos Olhares**, [S.L.], v. 8, n. 2, p. 98-109, 6 dez. 2019.

POELL, T. NIEBORG, D. VAN DIJCK, J. *Platformisation*. **Internet Policy Review**, 2019.

ROMANCINI, R.; CASTILHO, F. “Como ocupar uma escola? Pesquisa na Internet!”: política participativa nas ocupações de escolas públicas no Brasil. Intercom: **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 40, p. 93-110, 2017.

SCUDELLER, P. D. A.; P. SANTOS, T. H. R. “I am ballroom”: Tensões, reiteraões e subversões na partilha do sensível da cultura ballroom midiaticizada. **Revista Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura**, v.9, nº2, edição de Dezembro de 2020.

SILVA, T. T. **Estética das identidades: sobre a política em torno das representações no digital**. Galáxia (São Paulo, online), ISSN: 1982-2553. Publicação Contínua.

SILVA, T.. **Ativismo digital e imagem**: estratégias de engajamento e mobilização em rede. Jundiaí: Paco Editorial, 2016a.

SILVA, J. M. C. M. da; PACHECO, M. S.. DONALD TRUMP VERSUS HALLYU: o ativismo dos fãs de k-pop nas redes sociais. **Revista Trama**, [S.L.], v. 13, n. 1, p. 195-207, 2022. GN1 Sistemas e Publicacoes Ltd..

SIBILIA, P.. **O show do eu**: A intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

SIBILIA, P.. Autenticidade e performance: a construção de si como personagem visível. In: **Revista Fronteiras** – estudos midiáticos, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 353-364, set.-dez. 2015.

SOARES, T; LINS, M; MANGABEIRA, A. **Divas Pop**: o corpo-som das cantoras na cultura midiática. Olhares transversais, 2021.

SOARES, T. Abordagens Teóricas para Estudos Sobre Cultura Pop. **Logos** 41. Cidades, culturas e tecnologias digitais. 2014.